

A reprodução da etnicidade teuto-brasileira nas oktoberfest

*Fernando Diehl**

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é proveniente de notas de uma pesquisa que visa discorrer acerca da reprodução da identidade dos descendentes de imigrantes alemães em suas respectivas festas étnicas, no caso, enfatizamos as *Oktoberfest* que ocorrem no Brasil. Como metodologia, utilizamos a observação sistemática e entrevistas semiestruturadas. Buscamos analisar a representação que os teuto-brasileiros fazem de sua etnicidade por intermédio dos símbolos de linguagem que os indivíduos utilizam em suas vidas cotidianas, pois esta “apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente” (BERGER; LUCKMANN, 2013, p. 35). Isto significa que é na interação cotidiana que o mundo real é construído a partir dos símbolos que surgem nos processos da linguagem, e estes preenchem a vida, dando-lhe significado. Por símbolos, entenda-se, “alguns signos que transmitem informação social podem ser acessíveis de forma frequente e regular, e buscados e recebidos habitualmente; esses signos podem ser chamados de símbolos” (GOFFMAN, 2013, p. 53). Já os signos respectivamente, para este artigo, compreendem-se como “objetos ou ocorrências perceptíveis por visão, audição, tato e olfato, como luzes de diferentes cores, elementos de vestimenta, letreiros, declarações orais, tons de voz, gestos, expressões faciais, perfumes e assim por diante” (BAUMAN; MAY, 2010, p. 207). Portanto, determinados signos são significados cotidianamente tornando-se símbolos. Estes são signos que transmitem informações sociais relevantes.

Consequentemente, símbolos que são traços, objetos e percepções, geram sentidos e significados para os diversos grupos existentes, podem variar conforme o contexto específico. Neste sentido, os grupos sociais constroem socialmente os seus símbolos que dotam o mundo de sentido. Porém, isso não significa a construção de uma interpretação pessoal isolada das demais, pois as significações sempre são processuais, isto é, são construídas em interação entre indivíduos e grupos sociais. Ao longo da História, alguns símbolos foram constituindo um significado estruturante, isto quer dizer que a repetição dos significados de tais símbolos construiu uma compreensão objetiva para uma

* *Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).*

grande parte da população. Portanto, deve-se compreender que a experiência proveniente de um determinado símbolo “pode ser compartilhada por outra pessoa que não a vive” (FANON, 2008, p. 86), logo, mesmo não vivenciado pelo indivíduo, os símbolos já foram elaborados por outros. Isto quer dizer que, no seu processo de interação, ele irá utilizar-se de tais símbolos pré-existentes. Por conseguinte, os símbolos existem para significar e dar sentido do mundo para os indivíduos. Esta é uma compreensão processual de como os símbolos, mesmo que não tendo sido vivenciados pelos indivíduos, constituem fronteiras sociais que diferenciam pessoas, grupos, objetos materiais ou imateriais. Os símbolos apresentam-se de forma cotidiana. Após esse panorama inicial, abordaremos, a seguir, conceitos de grupo étnico, etnicidade e, posteriormente, o de cultura, para então entrarmos na questão da identidade e das festas étnicas dos descendentes de imigrantes, tendo como foco os teuto-brasileiros e as Oktoberfest.

2 GRUPOS ÉTNICOS E ETNICIDADE

Quando nos referimos a grupos étnicos, estamos querendo dizer, na verdade, que são indivíduos que alegam possuir uma origem em comum (WEBER, 2009), esta manifestada nos costumes do grupo a que pertencem. Tal grupo também possui a crença na existência de uma comunidade fundada em tal origem comum cujos símbolos são externalizados em costumes e lembranças da imigração e colonização, como por exemplo, as festas étnicas que serão descritas posteriormente. Deve-se salientar que

A pertença étnica determina, assim, um tipo particular de grau social que se alimenta de características distintivas e de oposições de estilos de vida, utilizadas para avaliar a honra e o prestígio segundo um sistema de divisões sociais verticais. Mas essas características distintivas só têm eficácia na formação dos grupos étnicos quando induzem a crer que existe, entre os grupos que as exibem, um parentesco ou uma estranheza de origem (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 38).

Os grupos étnicos são, portanto, “categorias de atribuição e identificação realizadas pelos próprios atores e, assim, têm a característica de organizar a interação entre as pessoas” (BARTH, 2011, p. 189). Neste sentido, deve-se compreender que o grupo étnico, para Max Weber e outros que seguiram sua linha epistemológica, é uma construção social cuja existência é sempre problemática (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 40). Portanto, questões culturais como a língua e a religião desempenham um papel importante, pois conotam junto ao grupo étnico a compreensão de que seus membros compartilham um código linguístico e cultural em comum que regulamenta as

suas vidas. Conseqüentemente, da mesma forma, as festas étnicas apresentam-se como um espaço de compartilhamento e ressignificação dos códigos e símbolos identitários de fronteira. Portanto, “um grupo étnico é então ‘simplesmente’ uma categoria descritiva e objetiva, discernível pelo observador” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 45).

A coisa importante a enfatizar é que grupos étnicos, de fato todos os grupos são instituições, padrões de prática social identificando pessoas que se tornaram estabelecidas sobre o tempo de como as coisas são feitas em um contexto particular local, sendo que as pessoas neste local estão conscientes disso (JENKINS, 1997, p. 61, tradução nossa).

Todavia, deve-se destacar que, embora haja símbolos que denotam os traços de diferenciação entre os grupos étnicos, e que tais traços definem os grupos étnicos, nem sempre aqueles foram os mesmos, ou seja, eles variam conforme o contexto (MONSMA, 2016). Isto significa que os traços definidores são construídos processualmente, logo, até mesmo um símbolo “estruturado” pode vir a perder seu sentido e ser ressignificado em determinados contextos diferentes. Conseqüentemente, as identidades étnico-culturais são processos (HALL, 2006) construídos por intermédio da manutenção e reformulação de símbolos. Isto significa que uma mesma característica, que diferencia um determinado grupo étnico, pode mudar ou perder sua significação no decorrer da história desse grupo. Portanto, os traços étnicos que identificam um grupo são (re)significados conforme determinados contextos. Poutignat e Streiff-Fenart colocam que a principal problemática, em estudos de etnicidade, é verificar as mudanças sociais, políticas e culturais da história de um determinado grupo étnico, isto quer dizer colocar a própria existência dos grupos étnicos como uma problemática. Portanto, cabe ao cientista social verificar como os grupos de imigrantes, há muito instalados em um determinado local, continuam a se atribuir a sua identidade étnica (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011). Com isso, cabe aos pesquisadores verificar como a manifestação da identidade étnica dos imigrantes são tradicional e cotidianamente evocadas no discurso dos descendentes de imigrantes, e em que medida essa identidade é mantida e alterada, visto que, “na medida em que os atores usam identidades étnicas para categorizar a si mesmos e outros, com objetivos de interação, eles formam grupos étnicos neste sentido organizacional” (BARTH, 2011, p. 194). Na seqüência, abordaremos acerca da identidade étnica dos imigrantes, especificamente a assim chamada imigração europeia “histórica”, ou seja, aquela para o Brasil, ao longo do século XIX.

Deve-se compreender que uma das conseqüências da imigração histórica europeia para o Brasil, ao longo do século XIX e início do XX, foi a construção de novas identidades étnicas e raciais no processo de interação com brasileiros e com outros grupos de imigrantes (MONSMA, 2007). Em cidades brasileiras, como

nas regiões de colonização alemã e italiana no Rio Grande do Sul, esta identidade de ser imigrante europeu ainda é celebrada como algo a ser valorizado entre os moradores, que são descendentes de imigrantes, e a mesma é vivenciada no cotidiano, sendo as festas étnicas o momento de manifestação mais presente desse ideal de “ser” imigrante¹. Por conseguinte, os indivíduos reproduzem coletivamente os símbolos que denotam o pertencimento de sua identidade étnica; por isso,

As identidades étnicas não são definidas em termos individuais nem nacionais. Pelo contrário, é uma identidade que se define em termos de grupo, de diferença e por um caráter altamente dinâmico já que as fronteiras que se estabelecem como divisores dependem muito do contexto, tempo e espaço, e são fronteiras sociais (ALLOATI, 2015, p. 214).

As identidades étnicas, etnicidade, são sempre processuais, são construídas socialmente porque são realizadas por intermédio de representações e de símbolos adotados. Estes são ressignificados no cotidiano pelos sujeitos que interagem nos espaços sociais; por conseguinte, a identidade é reproduzida na ação social dos indivíduos do próprio grupo. Destarte, é na vida diária que o sentido dessa identidade étnica torna-se presente, sendo fortalecida nos laços comunitários dos indivíduos pertencentes ao grupo étnico. Cabe salientar que tais símbolos cotidianos e naturalizados são apresentados de forma essencializada, e muitas vezes exagerada, nas festas e tradições étnicas. No entanto, é preciso compreender que a identidade étnico-cultural precisa necessariamente da existência de um outro como referência; este outro pode ser um grupo étnico ou uma representação simbólica da imagem de um *Outro* que se diferencia deles, o *outro generalizado* de Mead (1967). É na interação social cotidiana que se constroem critérios que definem o pertencimento a um grupo específico e não a outro. Após tratar deste aspecto e para uma melhor compreensão do conceito de etnicidade, abordaremos o que este artigo está definindo para o conceito de cultura, salientando que o referido conceito está sendo abordado para a compreensão da identidade étnica, portanto, não será feito um levantamento histórico e uma definição mais filosófica do que é cultura.

3 CULTURA E IDENTIDADE

Para compreender a identidade de grupos de imigrantes, seja os recentemente chegados a um país de destino, ou de descendentes de imigrantes já estabelecidos há mais tempo, devemos inicialmente conceituar o que estamos tratando por “cultura” e, mais especificamente, o que constitui a identidade étnico-cultural desses grupos de imigrantes. O conceito de cultura é algo muito

complexo para ser brevemente explicado, portanto, para este artigo, partiremos da ideia de cultura presente em Fredrik Barth (2000). Segundo este autor, primeiramente, é preciso eliminar do conceito de cultura várias conotações consideradas inadequadas. Para Fredrik Barth (2000), a cultura não é algo pronto e estático, mas um significado que é constituído de forma processual e que se constitui a partir da relação entre o observador e o signo. Ou seja, é preciso fazer uma ligação de um determinado fragmento de cultura com um ator específico para, então, o observador poder compreender as experiências, conhecimentos e ações desse ator. Neste sentido, a cultura é compartilhada por alguns e não por outros. Por isso que

Precisamos incorporar ao nosso modelo de produção da cultura uma visão dinâmica da experiência como resultado da interpretação de eventos por indivíduos, bem como uma visão dinâmica da criatividade como resultado da luta dos atores para vencer a resistência do mundo (BARTH, 2000, p. 129).

Neste sentido, é importante compreender o aspecto relacional do ator social junto com elementos do que está sendo considerado como cultura. Por consequência, é feita uma análise processual para compreender este fenômeno. Autores como Alban Bensá (1996) e Guillaume Boccara (1999) também não concordam com uma concepção de cultura como algo fixo e imutável. Para estes autores, o que existe é uma projeção da tradição manifestada em uma cena pública, isto quer dizer, uma “construção de um símbolo, cujo referencial seria a sua ‘cultura’, no sentido quase publicitário do termo” (BENSÁ, 1996, p. 79), ou seja, esta manifestação pública apresentada é como uma cópia de sua cultura. Para Bensá, é preciso superar os argumentos que fazem da cultura uma instância imaginada e objetivada (BENSÁ, 1996), e, sim, compreender a cultura como algo vivenciado e transformado cotidianamente. Já Boccara busca verificar a transformação dos mecanismos de definição identitária. Nesse sentido, as etnias se estruturam não como algo pronto e essencializado, mas como um processo construído historicamente (BOCCARA, 1999). Portanto, o autor verifica a etnogênese de um grupo étnico, isto quer dizer como são criados os grupos étnicos. Dessa forma, é preciso substituir uma concepção estática da cultura, ou seja, pensar a cultura em termos menos essencialistas, assim como substituir as visões tradicionais de homogeneidade cultural por uma perspectiva construtivista e dinâmica (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 30). Consequentemente, substituir a visão tradicional da identidade étnica como algo estático por uma concepção dinâmica significa que determinadas características consideradas inerentes a um grupo étnico podem mudar ou perder sua significação no decorrer da história do grupo. O que corrobora para o fim de visões essencialistas

nas quais grupos étnicos eram racializados e, por conseguinte, detentores de determinadas características que seriam biologicamente inerentes a todos os indivíduos desse grupo étnico.

Cultura e identidade são dois conceitos bastante articulados e variam conforme a concepção epistemológica utilizada. Como foi dito anteriormente, partimos da concepção de Barth para se compreender esta questão. Barth tem como enfoque realizar uma análise a partir de níveis analíticos, o autor parte do pressuposto – descrito anteriormente - de Max Weber (2009) acerca dos grupos étnicos, ou seja, buscar analisar o que faz com que os sujeitos se percebam como um grupo. Estes grupos não são estáticos no tempo, por isso é preciso analisar os processos históricos que constituem os grupos étnicos, buscando, com isso, analisar os símbolos e o processo de construção de sentido e pertencimento étnico para os indivíduos. Abordaremos agora o conceito de etnicidade proposto por Fredrik Barth.

4 ETNICIDADE

A concepção de etnicidade é utilizada para “descrever os processos de organização das relações sociais e formas de atribuir categorias entre grupos étnicos a partir de diferenças culturais presumidas como essenciais” (PUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 17), isto quer dizer, os símbolos culturais que diferenciam os grupos étnicos. Portanto, a etnicidade é um elemento cultural que surge por intermédio de significados compartilhados. Por conseguinte, ela é produzida e ressignificada na interação social (JENKINS, 1997). O pesquisador que aborda a etnicidade deve analisar como, por meio das mudanças sociais, políticas e culturais de sua história, os grupos étnicos conseguem manter as fronteiras que os distinguem dos outros. Portanto, a questão específica da etnicidade é compreender os símbolos identitários que fundam a crença em uma origem em comum de um grupo étnico, grupo este que compartilha um sentimento de pertencimento. Consideramos etnicidade como os processos de “atribuição categorial e de organização das relações sociais a partir de diferenças culturais presumidas essenciais” (PUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 17). O cerne do pensamento *barthiano* é verificar a persistência dos grupos étnicos. Assim, neste sentido, é pertinente compreender que “as fronteiras persistem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam” (BARTH, 2011, p. 188). Por conseguinte, não deve ser pesquisada a diferença cultural entre os grupos por si, mas sim as fronteiras existentes entre os grupos étnicos.

Para Barth a manutenção das fronteiras étnicas necessita da existência de trocas entre grupos, isto significa que um grupo manter-se isolado não é o que vai fazer com que seja mantida a identidade étnica, pois “as distinções étnicas não dependem de uma ausência de interação social e aceitação, mas são, muito ao

contrário, frequentemente as próprias fundações sobre as quais são levantados os sistemas sociais englobantes” (BARTH, 2011, p. 188). Logo, diferenças culturais podem permanecer apesar da existência de contatos interétnicos. Na verdade, é justamente a existência da fronteira que vai fomentar a manutenção e ressignificação das diferenciações étnicas e, com isso, articular símbolos que evocam a etnicidade. Consequentemente, ao longo do tempo, as fronteiras étnicas podem manter-se, reforçar-se ou desaparecer, visto que “a força de uma fronteira étnica pode continuar constante através dos tempos, apesar de – e às vezes mediante – transformações culturais internas ou mudanças na natureza exata da própria fronteira” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011). Neste sentido, a etnicidade é um processo construído a partir da interação entre grupos étnicos, podendo inclusive a mesma desaparecer conforme o passar do tempo. Deste modo, as etnicidades são construídas, não são inerentes aos grupos étnicos. Neste sentido, a etnicidade também é um forte mecanismo de reconhecimento coletivo e, ao mesmo tempo, um importante instrumento político utilizado para buscar interesses, sejam dos indivíduos do grupo étnico, como também dos ditos representantes dos mesmos.

Ao verificar a etnicidade de um grupo, deve-se compreender que alguns traços culturais são utilizados pelos atores sociais como sinais e emblemas de diferenças, outros são ignorados. Diante disso, não podemos prever, a partir de princípios considerados pelos próprios pesquisadores como evidentes, quais traços serão realçados e considerados relevantes, no que tange à sua identidade étnica, pelos atores. Portanto, conforme o contexto histórico específico, determinados traços vão ser importantes para a demarcação de fronteira étnica e, em outros contextos, estes mesmos traços serão desconsiderados.

Barth apresentou pela primeira vez a sua interpretação do conceito de etnicidade em seu trabalho de 1969 intitulado *Ethnic Groups and Boundaries: The Social Organization of Cultural Difference* (BARTH, 2011). Posteriormente, o autor revisitou o conceito (BARTH, 2003), acrescentando-lhe novos aspectos, quando vier a ser utilizado numa pesquisa. Talvez o principal aspecto a ser considerado é que, se em 1969 pensar a cultura como algo não fixo, mas sim dinâmico, pudesse ser visto com desconfiança, atualmente, no debate das ciências sociais, principalmente com o advento da virada linguística e ontológica, teorias como a do construtivismo social fizeram com que a ideia da cultura como algo não fixo, e sim uma construção social, fosse aceita e presente em trabalhos nas ciências sociais. Neste sentido,

Em qualquer população que decidamos observar, descobriremos que esta se encontra num fluxo, sendo contraditória e incoerente, e que se encontra distribuída de forma diferente por várias pessoas posicionadas de diversas formas. Tais características advêm do modo como a própria cultura é reproduzida (BARTH, 2003, p. 22).

Assim sendo, Barth enfatiza que é necessário perguntar qual será a diferença cultural que a etnicidade organiza, pois “quando observamos de perto este fluxo da cultura nas pessoas, elas parecem divergir e misturar-se em vez de reproduzirem as distinções necessárias para tornar permanentes identidades contrastantes” (BARTH, 2003, p. 24). Como a cultura não é algo estático, determinados elementos dela devem ser elencados e observados em um ator social para poder verificar o funcionamento da cultura. Acerca disso, deve-se salientar que Barth enfatiza que o foco da pesquisa da etnicidade deve ser na fronteira e não no conteúdo cultural por si. Trata-se de

analisar processos de fronteira e não de enumerar a soma dos conteúdos, como nas antiquadas listas de traços característicos, pois localizar as bases destes processos de fronteira não é identificar os limites de um grupo e observar os seus marcadores e a perda de membros (BARTH, 2003, p. 27).

Portanto Barth visa categorizar de forma analítica o conceito de etnicidade. Neste sentido, o autor recomenda que seja organizada, para fins analíticos, a abordagem sobre etnicidade separadamente em três níveis: micro, médio e macro. Distinguindo-os apenas para que possam ser melhor compreendidas as suas inter-relações, visto que essa divisão é meramente analítica e que as três esferas encontram-se em interdependência.

O nível micro visa modelar os processos subjetivos que produzem a experiência e a formação de identidades, aplicando-se este sobre as pessoas e suas interações. O assim chamado nível micro busca verificar as experiências resultantes da autovalorização e a aceitação ou rejeição de símbolos e relações sociais, utilizando-se dos símbolos que formam a consciência que a pessoa tem de sua identidade étnica. O nível médio visa termos uma ideia dos processos que criam a comunidade e que mobilizam grupos para diversos propósitos através de vários meios. Nesta esfera é que se desenvolve a articulação dos indivíduos para com o coletivo do grupo étnico; no nível médio é que se pode perceber o movimento dos grupos étnicos e suas fronteiras em ação.

Cada colectividade terá a sua dinâmica particular que surge dos seus requisitos para a reprodução de grupos, para a liderança e ideologia. Neste nível, os processos intervêm para forçar e constringer a expressão e actividade das pessoas no nível micro; são impostos pacotes negociais ou escolhas binárias, e são formados muitos aspectos das fronteiras e dicotomias da etnicidade. Muitas das análises fazem apenas referências ad hoc a este nível de contextos e constringimentos, em vez de os modelar sistematicamente, tendendo, portanto, a obscurecer os

pressupostos acerca da agência e da estrutura nos quais essas análises e interpretações se baseiam (BARTH, 2003, p. 31).

Por fim, há o nível macro que visa compreender as políticas estatais, ou seja, leis e burocracias que distribuem direitos e proibições de acordo com critérios formais, mas também o uso da força do Estado. É no nível macro que devem ser analisados os aspectos do nacionalismo e confronto com minorias étnicas que “não são assimiladas”, visto que muitas vezes as ideias de nacionalismo subjagam sutilmente algumas das etnicidades presentes em grupos imigrantes. Há, neste nível, o interesse em analisar o processo de controle e a manipulação da informação e do discurso públicos por parte dos Estados, assim como também discursos globais de muitas organizações transnacionais como ONGs (BARTH, 2003). Feito esse panorama geral acerca do conceito de etnicidade, abordaremos em seguida, mais especificamente, a *Oktoberfest* e como demarca fronteiras de etnicidade teuto-brasileira.

5 OKTOBERFEST: DEMARCAÇÃO DE FRONTEIRAS ÉTNICAS

Ao analisar as festas étnicas, neste caso, as festas teuto-brasileiras chamadas de *Oktoberfest*, pode-se verificar como a etnicidade se constrói de forma processual e é manifestada a partir de uma concepção cultural turística que privilegia determinados símbolos que visam apresentar os hábitos alimentares e a sociabilidade festeira associada à tradição alemã local. A própria *Oktoberfest* é uma manifestação da etnicidade nos três níveis descritos por Barth. Macro é a articulação frente ao Estado nacional enquanto espaço de representação de sua identidade, de forma essencializada; médio é a organização do grupo étnico e a resignificação de quais símbolos denotam a ideia de *ser* “imigrante”; e micro, a própria articulação e subjetividade dos atores sociais. Usemos como exemplo a primeira *Oktoberfest* de Blumenau que ocorreu em 1984, logo após duas enchentes do rio Itajaí-açu (SEYFERTH, 2012). Acerca disso, foi produzido o folheto *Blumenau 150 anos: você faz parte desta história*, divulgado em 2000,

No folheto é dito que o objetivo era criar uma nova opção de lazer e reativar o turismo, mas, ao mesmo tempo, destaca a atuação das bandas de música, dos grupos folclóricos e outros itens que apelam à origem alemã da festa. Não interessam as motivações da criação do *Oktoberfest* e os lucros trazidos por seu sucesso. Ela tem sido objeto de dissenso porque associa os descendentes de alemães à “cultura do chope”, coisa censurada por algumas pessoas preocupadas com o uso do consumo de cerveja como marca identitária (SEYFERTH, 2012, p. 29).

É interessante destacar a preocupação com a *cultura do chope*, visto que é recorrente a constatação do peculiar costume de beber cerveja dos alemães. Para Norbert Elias (1997), aquela cultura teve início no século XVII. O costume de beber cerveja excessivamente seria decorrente de um elevado grau de infelicidade decorrente dos constantes conflitos na região que viria a ser a Alemanha. Outro fator importante era que o século XVII foi, para muitas regiões da Europa, um período de grande desenvolvimento, mas não para (o que viria a ser) a Alemanha, o que aumentava o nível de infelicidade. Portanto, entre os itens identitários buscados para construir socialmente uma memória do passado local, foi destacada e acentuada a existência das pequenas fábricas artesanais de cerveja, que proliferaram até meados do século XX. As mesmas eram consideradas como sendo algo inerente à etnia germânica, portanto deveriam ser exaltadas. E, seguindo uma tendência mais geral, inclusive as fábricas artesanais de cerveja existentes nas metrópoles (SEYFERTH, 2012) como marca de pertencimento da etnicidade teuto-brasileira.

Neste sentido, deve-se considerar que a festa étnica, muitas vezes, busca essencializar uma certa identidade do imigrante e seu descendente, embora a mesma constitua-se como um instrumento de manutenção da cotidianidade da etnicidade teuto-brasileira. Diante disso, os elementos que vão ser utilizados para rememorar a festa étnica são construídos por agentes dos grupos. Podemos ilustrar, como exemplo, as roupas típicas da Bavária, embora nem todos os teuto-brasileiros, descendentes de imigrantes dessa região da Alemanha, utilizem a roupa nas Oktoberfests. Essa vestimenta consiste, para os homens, na calça *knicker*, isto é, uma espécie de bermuda com suspensórios juntos, normalmente nas cores marrom, verde ou preto e uma camisa normalmente xadrez, meia longa, sapato, além de um chapéu típico preto ou verde. Para as mulheres, vestidos – longos ou curtos – com saias rodadas em cores fortes, meias longas, corpetes e sapatos. Outros elementos, como as danças típicas, “bandinhas” alemãs e esportes alemães como *Eisstocksport*, ganham bastante destaque. Estes traços são tipificações da constituição de uma identidade étnica teuto-brasileira e com isso, formulam o imaginário do que é ser descendente de imigrante alemão, em uma forma unificada, desconsiderando diferenças regionais.

Portanto, certas características que denotam uma fronteira étnica, conforme um determinado contexto histórico, são utilizadas para construir a etnicidade dos grupos étnicos, os símbolos variando conforme o contexto. A festa étnica é o momento de apresentar – de forma exagerada – quais são os símbolos que estão sendo resgatados para demonstrar a fronteira da diferenciação de ser teuto-brasileiro com a identidade essencializada do “brasileiro”, e que fazem com que os teuto-brasileiros sejam diferentes da população geral. As festas étnicas tornam-se uma manifestação de sua tradição expressa, muitas vezes essencializada, para reimaginar, de forma épica, como era a sua vida cotidiana no início do processo de colonização.

A etnicidade teuto-brasileira, manifestada nas festas *Oktoberfest*, não representa toda a germanidade. Na verdade, conforme a teoria de Barth visa demonstrar, foram determinadas características que são utilizadas para demarcar uma fronteira de diferenciação com a cultura nacional brasileira para, com isso, caracterizar o que é ser (descendente de) imigrante alemão no Brasil.

Por conseguinte, as festas étnicas dos descendentes de imigrantes, como neste caso a dos alemães nas *Oktoberfest*, são ressignificações do início da colonização, reimaginadas em um contexto histórico específico, e isto constitui fronteiras étnicas. Um exemplo desta questão está presente no caso que destacamos anteriormente acerca das vestimentas “típicas” da *Oktoberfest*: há, nestas representações, um estereótipo dos bávaros, mais especificamente as roupas “típicas” da Bavária. Deve ser lembrado que

certas qualificações de natureza étnica são impostas de fora, pelos outros, no contexto das relações interétnicas e, nesse caso, hábitos alimentares servem para diferenciar. A figura simbólica da *Oktoberfest* – o casal vestido com roupas bávaras que circula durante os festejos – e todo o conjunto de danças e brincadeiras articuladas ao consumo de cerveja, contribuem para criar uma imagem de gente divertida (SEYFERTH, 2012, p. 29).

Isto é, até mesmo descendentes de imigrantes alemães, que não vieram da Bavária, utilizam tais roupas, mesmo que elas não representem os seus descendentes. Por fim, similares festas *Oktoberfest* foram surgindo, inicialmente no Sul do país, nas regiões de colônias e depois nas metrópoles, e se espalharam para outras regiões do país; tais festas étnicas dizem alguma coisa sobre a tradição construída e ressignificada pelos imigrantes alemães e seus descendentes (SEYFERTH, 2012).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo visou discutir a reprodução da etnicidade teuto-brasileira nas festas *Oktoberfest*. Para isso, fez um levantamento inicial acerca dos conceitos de grupos étnicos e, com isso, apresentar uma visão da cultura como algo não fixo e estático, mas em um fluxo de movimento sendo ressignificada conforme um contexto específico. Neste sentido, relatamos que as identidades dos grupos étnicos não são elementos dados e acabados, mas, sim, que são construções históricas e que podem vir a desaparecer. Certos símbolos são utilizados pelos indivíduos de um grupo étnico para demarcar as fronteiras de diferenciações com outros grupos.

Utilizamos o conceito de etnicidade formulado por Fredrik Barth com o propósito de descrever a questão proposta no artigo. O autor enfatiza que se deve dar uma ênfase maior no aspecto das fronteiras. Neste sentido,

buscamos demonstrar que uma festa étnica, embora à primeira vista possa se pensar que seja uma representação estática e essencialista da tradição dos imigrantes, contém símbolos que visam, de forma processual, construir quais elementos serão demarcadores de fronteira e serão utilizados para classificar e ressignificar o que é ser teuto-brasileiro. Neste caso, o consumo e produção de cerveja em pequenas cervejarias e o uso de roupas bávaras como representantes da germanidade teuto-brasileira. De igual modo, o hábito de festas, cerveja, alegria e o trabalho árduo, seriam símbolos caracterizadores que denotam o que é – supostamente – ser (descendente de) imigrante alemão no Brasil. Estes símbolos de pertencimento do que é ser teuto-brasileiro se diferenciam – da visão essencializada – do que é a figura do outro, neste caso, a imagem dos “brasileiros”.

NOTAS

¹ Mesmo sem jamais ter emigrado.

REFERÊNCIAS

- ALLOATI, M. N. Configuração da identidade(s) brasileira(s). Disputa e negociações nos processos de identificação de imigrantes brasileiros na cidade de Los Angeles, EUA. **Cadernos OBMigra**, Brasília, v.1, n.3, p. 202-224, 2015.
- BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: POUTIGNAT, P. e STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**. São Paulo, Unesp, 2011.
- _____. Temáticas permanentes e emergentes na análise da etnicidade. IN: Org. VERMEULEN, H.; GOVERS, C. (Orgs.) **Antropologia da etnicidade**. Para além de “Ethnic Groups and Boundaries”. Lisboa: Fim de século, 2003.
- _____. **O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro, Contracapa, 2000.
- BAUMAN, Z.; MAY, T. **Aprendendo a pensar com a Sociologia**. Rio de Janeiro, Zahar, 2010.
- BENSÁ, A. Resistências e Inovações Culturais Kanak: A Área Costumeira do Centro Cultural Tjibaou (Nova Caledônia). **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, n. 12, 1996. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg12-4.pdBrah>. Acesso em 26/12/2017.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis, Vozes, 2013.
- BOCCARA, G. Etnogénesis mapuche: resistencia y restructuración entre los indígenas del centro-sur de Chile (siglos XVI-XVIII). **Hispanic American Historical Review**, Durham, v.79, 1999. Disponível em: <<http://muse.jhu.edu/article/12303>>. Acesso em 26/12/2017.

- ELIAS, N. **Os alemães**: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador, EDUFBA, 2008.
- GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, LTC, 2013.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.
- JENKINS, R. **Rethinking ethnicity**: arguments and explorations. Londres, Sage Publications, 1997.
- MEAD, G. H. **Mind, Self & Society**: from the Standpoint of a Social Behaviorist. Chicago, University of Chicago Press, 1967.
- MONSMA, K. M. **A reprodução do racismo**: fazendeiros, negros e imigrantes no oeste paulista, 1880-1914. São Carlos, EDUFSCar, 2016.
- _____. Identidades, desigualdade e conflito: imigrantes e negros em um município do interior paulista, 1888-1914. Notas de pesquisa. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 11, n.1, p. 111-116, 2007.
- POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**. São Paulo, Unesp, 2011.
- SEYFERTH, G. Memória coletiva, identidade e colonização: representações da diferença cultural no Sul do Brasil. **MÉTIS: história & cultura**. v.11, n.22, p. 13-39, jul-dez, 2012.
- _____. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n.53, p. 117-149, mar-mai, 2002.
- WEBER, M. **Economia e sociedade**: Volume 1. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2009.

RESUMO

Este artigo visa descrever a reprodução da identidade dos imigrantes em suas respectivas festas étnicas, enfatizando a população teuto-brasileira e as *Oktoberfest* que ocorrem no Brasil. A pesquisa foi realizada a partir do uso das metodologias de observação sistemática e entrevistas semiestruturadas, dialogamos com os conceitos de grupos étnicos, proposto por Max Weber, e etnicidade, segundo Fredrik Barth, para compreender o caso das festas alemãs. Como resultados, analisamos que uma festa étnica, à primeira vista, possa se pensar que seja uma representação estática e essencialista da tradição dos imigrantes, na verdade, contém símbolos que visam, de forma processual, construir quais elementos serão demarcadores de fronteira de diferenciação étnica e que serão utilizados para classificar e ressignificar o que é ser teuto-brasileiro.

Palavras-chave: Etnicidade; Teuto-brasileiros; Oktoberfest.

ABSTRACT

This paper aims to describe about the reproduction of the immigrants' identity in their respective ethnic festivals, in the case of this essay, we emphasize the German-Brazilians and the Oktoberfest that take place in South of Brazil. The research methodologies were systematic observation and semi-structured interviews, we discuss with the concepts of ethnic groups, writing by Max Weber, and ethnicity, by Fredrik Barth, to understand the German immigrants in Brazil case. As results we analyze that in an ethnic party, at first sight it can be thought that it is a static and essentialist representation of the immigrant tradition, but in fact it contains symbols that aim, in a procedural way, to construct which elements will be demarcating the border of ethnic differentiation and will be used to classify and reframe what it means to be German-Brazilian.

Keywords: Ethnicity; German-Brazilians; Oktoberfest.